



Letramentos contemporâneos e a arquitetônica Bakhtiniana

Contemporary literacies and Bakhtinian architectonics

Roxane ROJO (UNICAMP)*

Rosineide de MELO (UNICAMP)**

RESUMO

Os letramentos contemporâneos trouxeram para a cena das teorias de Bakhtin e seu Círculo novos desafios e novas questões, especialmente, à teoria dos gêneros do discurso. Neste artigo, buscamos resgatar o conceito de arquitetônica no/do Círculo, repensado no complexo contexto da modernidade. No (in)acabamento deste percurso teórico, a título de ilustração, apresentamos como o conceito, metodologicamente, mostra-se uma potente categoria de análise, à medida que amplia as possibilidades de exame dos textos/enunciados digitais e dos letramentos contemporâneos por eles requeridos, para além das propostas de outras teorias, por ser mais flexível e abrangente. Com isso, buscamos relacionar gêneros e arquitetônicas na abordagem de enunciados em ambiente digital.

Palavras-chave: *novos letramentos; arquitetônica; gêneros do discurso.*

*. Professora Livre-Docente do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – IEL/UNICAMP, Campinas, SP, Brasil; CNPq, Proc. 302912/2013-4; rrojo@iel.unicamp.br

** . Pós-doutora em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – IEL/UNICAMP. Professora do Centro Universitário Fundação Santo André – CUFSA, Santo André, SP, Brasil; rosineide_melo@uol.com.br.

ABSTRACT

Contemporary literacy brought up new challenging discussion matters to Bakhtin's theories, mainly to what concerns the Discourse Genres theory. This paper aims at rescuing the Architectonics concept – in / of the Circle – rethinking such concept within Modernity complex context. Along the (un)finished theoretical path trailed all through this article, the concept is presented – as a means of illustrating the discussion – as a powerful category for methodological analysis, as it enlarges the possibilities of examining digital utterances /texts and the correspondent contemporary literacies related to them, once the Architectonics concept might be considered more flexible and broaden than other proposed analytical theories. Therefore, the present paper proposes to relate Genres and architectonics when approaching utterances in the digital context.

Key-words: *new literacies; architectonics; speech genres.*

Introdução

A emergência dos novos letramentos contemporâneos (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007), a partir de práticas letradas específicas baseadas no uso de variadas tecnologias digitais, trouxe para a cena das teorias de gêneros (textuais, discursivos) novos desafios. Não somente os textos/enunciados¹ em ambientes digitais se organizam de novas maneiras, como hipertextos e hiper mídias, combinando multissemioticamente uma variedade de linguagens (imagens estáticas e dinâmicas, áudio, linguagem oral e escrita) (LEMKE, 2010), como também as novas práticas letradas que sobre eles se exercem em leitura e produção (*produsagem*) obedecem a um novo *ethos* e a novas mentalidades (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007).

Essas mudanças têm trazido, como dissemos, novas questões às teorias de gêneros, que ora chamam os textos que aí circulam de “gêneros emergentes” (MARCUSCHI, 2005), “gêneros eletrônicos, digitais ou virtuais” (por exemplo, XAVIER, 2006; PEIXOTO; LEDO,

1. Em trabalho anterior, já foi mencionada a estreita relação entre texto e enunciado em certos textos bakhtinianos (cf. ROJO, 2013).

2009²; LÉ, 2011³), ora simplesmente de “gêneros discursivos ou textuais” (PIMENTEL, 2011⁴; LÉ, 2011, por exemplo), o que indica uma extensão do conceito de gêneros – e, conseqüentemente, das teorias de gêneros – para os letramentos contemporâneos em ambientes digitais. No entanto, esta extensão – ainda não suficientemente teorizada, como se pode ver pelas nossas notas de rodapé – por vezes traz estranhamentos, muito frequentemente confundindo a ferramenta digital que propicia a interação e faz parte da situação enunciativa com o gênero em si que nela circula. Exemplos mais frequentes são *email* (como tematiza PAIVA, 2005), *chat* (ARAÚJO, 2005), *blogs* (KOMEZU, 2005), *sites*, portais, redes sociais e de mídia (cf. PEIXOTO; LÊDO, 2009). Em muitos textos fica difícil distinguir quando o autor está se referindo à ferramenta, ao texto/enunciado ou aos gêneros. Alguns trabalhos começam a teorizar a respeito a partir de diferentes Teorias de Gêneros (textuais, discursivos).

Assim sendo, cabe perguntar: Será que ainda há lugar para as concepções bakhtinianas na contemporaneidade constituída de linguagens e culturas múltiplas e de textos/enunciados híbridos, multissemióticos e hipermediáticos? Ou, em tempos de multiletramentos, é possível pensar os enunciados em ambientes digitais a partir de conceitos, noções e teorias instauradas em meados do século passado, pelo Círculo de Bakhtin?

2. PEIXOTO, T. S.; LÊDO, A. C. Gêneros digitais: possibilidades de interação no *Orkut*. *Revista Ao Pé da Letra*, vol. 11.2: 11-30, 2009, versão online. Disponível em: <http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/Volume%2012.1/Vol-12-1-Thais-Soares_Amanda-Ledo.pdf>. Acesso em 21/04/2014. As autoras defendem que “o Orkut pode ser tomado como um ambiente gerador e transmutador de gêneros, que formam uma colônia [BATHIA, 2004] por estarem no mesmo espaço virtual e compartilharem propósitos comunicativos [SWALES, 1990] semelhantes.”

3. LÉ, J. B. *Blog e twitter*: composição, conteúdo e estilo em gêneros jornalísticos digitais. *Anais do VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*. Natal, RN: UFRN, SIGET, 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Jaqueline%20Barreto%20L%C3%A9%20%28UFRJ%29.pdf>>. Acesso em 21/04/2014. Pelo título já se nota que a autora trata *Blog* e *Twitter* como gêneros de discurso.

4. PIMENTEL, C. A escrita íntima na internet: do diário ao *blog* pessoal. *Revista O Marrare*, n°14: s/p. Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero14/carmenPimentel.html>>. Acesso em 21/04/2014. A autora afirma que “a partir da teoria de Bakhtin sobre gêneros do discurso e do conceito de gêneros digitais de Marcuschi”, o trabalho pretende “elencar categorias pertinentes aos gêneros diário, agenda e *blog* para analisá-los e compará-los, na intenção de mapear um possível percurso dos diários aos *blogs*”. Logo, trata os três (diário, agenda e *blog*) como gêneros (discursivos/textuais).

Em estudos recentes, Rojo (2009; 2013) e seu grupo de pesquisa (ROJO *et al.*, 2012) vêm discutindo a eficácia das concepções bakhtinianas, em especial, da teoria dos gêneros – revisitada e ampliada –, seja pela análise de objetos multissemióticos (ROJO, 2013); seja pelo embasamento de propostas de práticas docentes e de materiais didáticos (ROJO *et al.*, 2012); seja pelas discussões críticas acerca do papel da escola diante dos novos letramentos e dos novos gêneros (ROJO, 2009).

Neste artigo, abordamos a concepção de arquitetônica repensada no complexo contexto da modernidade. No (in)acabamento deste caminho teórico a título de ilustração⁵, apresentamos como o conceito, metodologicamente, mostra-se, uma potente categoria de análise de texto/enunciado contemporâneo (ou não), buscando relacionar gêneros e arquitetônicas na abordagem de enunciados em ambiente digital.

1. A arquitetônica na perspectiva do Círculo

1.1. Andaimos do estudo

O estudo que embasou este artigo realizou-se a partir da consulta das obras do Círculo disponíveis em língua portuguesa no Brasil, a saber:

Quadro 1 – Obras do Círculo consultadas, disponíveis em língua portuguesa no Brasil

Obra / Publicação	Abreviatura*	Assinatura
Para uma filosofia do ato responsável [1920-24] 2010	PFA	Bakhtin
Discurso na vida e discurso na arte [1926] 1975	DVDA	Volochinov e Bakhtin

5. A articulação entre arquitetônica e textos/enunciados contemporâneos está demonstrada no texto: A arquitetônica bakhtiniana e os multiletramentos, desdobramento deste estudo, também desta autoria colaborativa, em NASCIMENTO, Elvira Lopes. ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Orgs.). *Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade*. Campinas: Pontes, 2014, p. 249-272.

*. Adotamos abreviaturas das obras para facilitar a referência das citações e/ou comentários ao longo do texto.

O freudismo: um esboço crítico [1927] 2001	FREUD	Escrita por Volochinov, mas atribuída a Bakhtin
O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica [1928] 2012	<i>MFEL</i>	Medviédev
Marxismo e filosofia da linguagem [1929-1930] 1995	<i>MFL</i>	Assinada inicialmente Volochinov, com posterior atribuição a Bakhtin
Problemas da poética de Dostoiévski , [1929] 1997	<i>PPD</i>	Bakhtin
A cultura popular na idade média: o contexto de François Rabelais [1965] 1999	<i>CPIMR</i>	Bakhtin
Questões de literatura e de estética: a teoria do romance [1975] 1998	<i>QLE</i>	Bakhtin
Estética da criação verbal [1979], textos reunidos, (traduções de 1997 e 2003)	<i>ECV</i>	Bakhtin

Inicialmente, é relevante lembrar que não existe regularidade, nos livros, quanto ao emprego das diversas terminologias, isto é, há empregos de diferentes termos para designar conceitos equivalentes epistemologicamente, por exemplo: “horizonte ideológico” empregado em *MFEL*, “horizonte espacial comum” empregado em *DVDA* e “horizonte apreciativo” empregado em *MFL*. O mesmo se observa acerca do emprego de enunciado: ora somente “enunciado”, ora “enunciado concreto”, ora “enunciação”⁶.

Essa diferenciação no emprego terminológico pode ser justificada pelos diferentes tradutores ou pela própria evolução dos estudos e pesquisas das últimas décadas, que lapidaram termos e apuraram

6. Concordamos com estudos anteriores (cf. SOUZA, 2002; BEZERRA, 2003; BRAIT; MELO, 2005) que, para o Círculo, não há distinção entre ato/situação de produção do enunciado (enunciação) e enunciado como produto, ou seja, há uma unicidade dos termos na totalidade da concepção. Optamos por adotar o binômio texto/enunciado como expressão abreviada de texto/enunciado/enunciado concreto/enunciação também em consonância com Rojo (2013).

conceitos e/ou concepções utilizados em edições recentes das obras ou em traduções inéditas de textos anteriormente indisponíveis no Brasil: como *PFA*, de 2010, e *MFEL*, de 2012, ou mesmo a nova edição com ampliação de textos de *ECV*, em 2003.

Optamos pelo emprego dos termos conforme os das citações e/ou obras em foco em nossa reflexão. Sempre que julgamos necessário, acrescentamos as designações equivalentes para marcar o entendimento semântico-epistemológico do termo/conceito.

Além do inevitável percurso pelas obras, parte do estudo se concentrou, especificamente, no levantamento das ocorrências do termo *arquitetônica* e suas flexões e derivações, partindo-se do radical – *arquitet-* – expandindo-se para sintagma anterior e/ou posterior em que foi empregado. O levantamento foi organizado por obras e pela totalidade das ocorrências no conjunto das obras – quantitativo – e pela classificação por emprego semântico do termo no contexto em que se apresenta na obra.

É preciso destacar que, das nove obras estudadas, somente *DVDA* não apresenta sequer uma ocorrência do termo *arquitetônica* e *MFL* e *PPD* apresentam apenas duas ocorrências. De forma alguma, entretanto, a ausência ou a pouca ocorrência do termo não implica ausência do conceito; aliás, são obras fundamentais para se captar perspectiva aqui explorada. Em *FREU* – a única obra cujo objeto e enfoque crítico diferem das outras – o termo é empregado uma vez, mas é nesse livro que “afloresce o núcleo central, a própria medula do pensamento bakhtiniano” (BEZERRA, 2001: XI).

Vale lembrar também a premissa do inacabamento: quando ousamos nos embrenhar pelas obras circundando um conceito tão essencial, mergulhamos numa rede cujas conexões geram ramificações e cujos cruzamentos exigem revisitações constantes às obras e inesgotáveis releituras. Nossa pretensão é contribuir com os debates e demonstrar como uma das concepções – vanguardistas – de Bakhtin e seu Círculo dá conta dos textos/enunciados e dos letramentos contemporâneos.

1.2. *A arquitetura bakhtiniana*

A concepção de arquitetura proposta pelos teóricos russos tem a ver como Bakhtin e seu Círculo concebem o texto/enunciado nas mais diversas formas e esferas de produção, circulação e recepção, em especial, o discurso da obra de arte, da literatura. A defesa que fazem da “unidade construtiva da obra” (MEDVIÉDEV/BAKHTIN, [1928]2012: 92), ou seja, da totalidade interna vinculada indissociavelmente à realidade externa axiológica – a *totalidade arquitetônica da obra de arte* – só pode ser admitida por meio de um procedimento metodológico-exotópico: requer um excedente de visão dos sujeitos inerentemente implicados na interação: autor-criador e contemplador. Somente o distanciamento é capaz de construir um objeto ou permitir contemplá-lo por inteiro. Nesta perspectiva, por sua vez, o Círculo fala de dois lugares: ora da produção, ora da compreensão ativa/recepção do texto/enunciado e, conseqüentemente, prevê dois cronotopos ou posicionamentos espaço-temporais: do autor-criador e do contemplador, respectivamente.

O Círculo faz referência explícita acerca da metodologia de análise que deveria ser assumida pelos críticos da literatura – contempladores. Em pelo menos três estudos o Círculo explicitou esse procedimento: *PPD*, *CPIMR*, *QLE*. É a partir dessa perspectiva metodológica que o Círculo vê um objeto como construção arquitetônica, considerando-o na sua totalidade interna, orientado pelas avaliações axiológicas e situado histórico, social e ideologicamente. Lembramos que uma das grandes críticas do Círculo é acerca da visão redutora dos formalistas e dos linguistas tradicionais (*MFEL*, *MFL*, *DVDA*, *ECV*) que não consideravam os aspectos extralinguísticos que permeiam e constituem os textos/enunciados, sejam estes cotidianos ou mais sofisticados, como os da arte literária.

Considerando esses posicionamentos, assinalamos como é delineada a *arquitetônica* pelos teóricos russos:

Aquilo que Hildebrand chama de “*arquitetônico*” é, na verdade, a *unidade construtiva da obra* [...]. Como se expressa essa abordagem “arquitetônica”, de uma obra de arte figurativa? (MEDVIÉDEV/BAKHTIN, [1928]2012, p. 92, ênfase adicionada)

A forma artística é a forma de um conteúdo, mas inteiramente realizada no material, como que ligada a ele. Por isso a forma deve ser compreendida e estudada em duas direções: 1. *a partir do interior do objeto estético puro, como forma arquitetônica, axiologicamente voltada para o conteúdo (um acontecimento possível)*, relativa a ele; 2. a partir do interior do todo composicional e material da obra: este é o estudo da técnica do material. (BAKHTIN, [1975]1998: 57, ênfase adicionada)

Método da análise estética da forma enquanto forma arquitetônica [...] como a forma, sendo inteiramente realizada no material, torna-se, no entanto, a forma de um conteúdo e relaciona-se axiologicamente com ele? Ou, em outras palavras, como a forma composicional [descrição/caracterização de um gênero] – a organização do material – *realiza uma forma arquitetônica – a unificação e a organização dos valores cognitivos e éticos?* (BAKHTIN, [1975]1998: 57, ênfase adicionada)

A relação arquitetonicamente estável e dinamicamente viva do autor com a personagem deve ser compreendida tanto em seu fundamento geral e de princípio quanto nas peculiaridades individuais de que ela se reveste nesse ou naquele autor, nessa ou naquela obra. (BAKHTIN, [1979]2003: 3, ênfase adicionada)

A concepção empregada pelo Círculo está vinculada à ideia de avaliação social enquanto julgamento de valor, ou seja, à *entonação expressiva* ou *entoação expressiva*. Isso fica ainda mais claro nas seguintes explicações: “A avaliação social [...] [é] atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e a plenitude do seu sentido.” (MEDVIÉDEV/BAKHTIN, [1928]2012: 184); mais: “de fato, é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico” (p. 185) e é a “avaliação social [que] determina todos os aspectos do enunciado penetrando-o por inteiro, porém, ela encontra a expressão mais pura e típica na entonação expressiva” (p. 185) e completa: “a entonação expressiva que dá cor a cada palavra do enunciado reflete sua singularidade histórica” (p. 185).

Esses argumentos são recorrentes também em *DVDA*: “Um julgamento de valor social que tenha força pertence à própria vida e desta posição organiza a própria forma do enunciado e sua entonação” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926]1976: 6) e complementam:

Assim, um julgamento de valor [...] existe em sua totalidade [...], ele determina a *própria seleção do material verbal e a forma de todo verbal*. Ele encontra sua mais pura expressão na *entoação*. A entoação estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal. (VOLOCHINOV/BAKHTIN, [1926]1976: 6, ênfase adicionada)

PFA é a obra em que o termo é mais recorrente e na qual, explicitamente, o autor examina um objeto à luz da arquitetônica:

O modo melhor de esclarecer [...] a disposição arquitetônica do mundo da visão estética em torno de um centro de valores – um ser humano mortal – é fornecer uma análise (conteudístico-formal) da arquitetônica concreta de uma obra qualquer. (BAKHTIN, [1920-24]2010: 130)

O autor alerta para o posicionamento exotópico que o autor-artista e o contemplador assumem, diferenciando o autor-artista do eu-lírico e explica:

ambos são [contextos das duas personagens do poema em exame], por sua vez, envoltos pelo contexto estético unificante e que afirma os valores do autor-artista e contemplador, o qual se acha colocado fora da arquitetônica da visão de mundo da obra [...]. O lugar singular do sujeito estético (do autor, do contemplador) [...] tem uma só definição: a sua exotopia em relação a todos os momentos da unidade arquitetônica [...]. A empatia estética [...] se realiza ativamente deste lugar singular exotópico, e precisamente a partir daqui se realiza a recepção estética. (BAKHTIN, [1920-24]2010: 131-132)

E seguindo semelhante metodologia, empregada por Volochinov e Bakhtin ([1926]1976) em *DVDA*, em *PFA*, Bakhtin ([1920-24]2010) vai analisar um poema, assinalando os elementos constitutivos (como categorias), com comentários interpretativos, e como lhe é peculiar, revelando conceitos que dão organicidade ao pensamento do seu Círculo: *contexto* (p. 131), situação do enredo, enredo, *tema-assunto-conteúdo*, *valorações* representadas no tom “emotivo-volitivo” (BAKHTIN,[1920-24]2010: 133), elementos linguísticos e semânticos (*dêixis*, signos ideológicos), tempo e espaço (*situação imediata*) (p. 134), *tema-sentido* (p. 138).

A arquetônica, nesta perspectiva, pode ser compreendida como a organizadora do texto acabado em torno da valoração advinda de um posicionamento ideológico e axiológico do autor-criador e, evidentemente, determinante para o binômio produção/efeito de sentido do texto/enunciado: “A arquetônica do mundo da visão artística [posicionamento ideológico-axiológico] não ordena só os elementos espaciais e temporais, mas também do sentido; a forma não é só espacial e temporal, mas também do sentido” (BAKHTIN, [1979]2003: 127). Em outro momento, no entanto, o Círculo já havia afirmado que: “*A forma arquetônica determina a escolha da forma composicional*: assim, a forma da tragédia (forma do acontecimento, em parte, do personagem – o caráter trágico) escolhe a forma composicional adequada – a dramática.” (BAKHTIN, [1975]1998: 25, ênfase adicionada)

Não se pode confundir a (forma) arquetônica com a forma/estrutura composicional, mesmo sendo a segunda constitutiva da primeira. A arquetônica está relacionada à totalidade da situação, à construção e só pode ser dimensionada a partir do objeto interno (da materialidade) orientado para sua relação com o externo: para o autor-criador que se posiciona a partir de um lugar social, ideológico e axiológico, no processo de interação; para o lugar que o texto/enunciado ocupa no todo acabado como elo da cadeia de textos/enunciados; perpassado pelo contexto maior e pela situação imediata, concreta, de produção; que se corporifica em determinado gênero de discurso (com sua forma de composição), para abrigar as avaliações e assim por diante.

Nesse sentido, a forma é portadora de uma dupla compreensão: “*como a forma é, por um lado, efetivamente material, inteiramente realizada no material e a ele ligada, [estrutura composicional, material-palavra-linguístico/semiótico] e como, por outro lado, ela, enquanto valor, nos coloca além dos limites da obra como material organizado, como coisa [...]*” (BAKHTIN, [1975]1998: 28, ênfase do autor). Sobre isso, Bezerra (2003) afirma:

Bakhtin vai encarregar-se de fazer essa explicação [que não é feita pelos formalistas] [...]: a doutrina formalista, diz ele, é uma estética do material, pois reduz os problemas da criação poética a questões de linguagem [...] com isso menosprezam os outros ingredientes do ato de criação, que são o conteúdo, ou a relação com o mundo, e a forma, entendida aqui como intervenção do autor [...]. A verdadeira noção central da pesquisa estética

não deve ser o material, mas a arquitetura, ou a construção, ou a estrutura da obra, entendida como ponto de encontro e de interação entre material, forma e conteúdo. (BEZERRA, 2003: XVII)

Resumidamente, a arquitetura designa o ponto de articulação entre a totalidade interna e as avaliações axiológicas (valores éticos, estéticos, morais) que constroem um objeto situado histórica, social e ideologicamente, atribuindo-lhe sentido. Nesse aspecto, entendemos que a entoação valorativa é o elemento que me melhor evidencia a arquitetura.

1.3. Arquitetônica, gêneros do discurso e os letramentos contemporâneos

A título de ilustração, optamos por focalizar a rede social *Facebook*⁷ para demonstrar como o conceito de arquitetura revela-se uma potente categoria de análise.

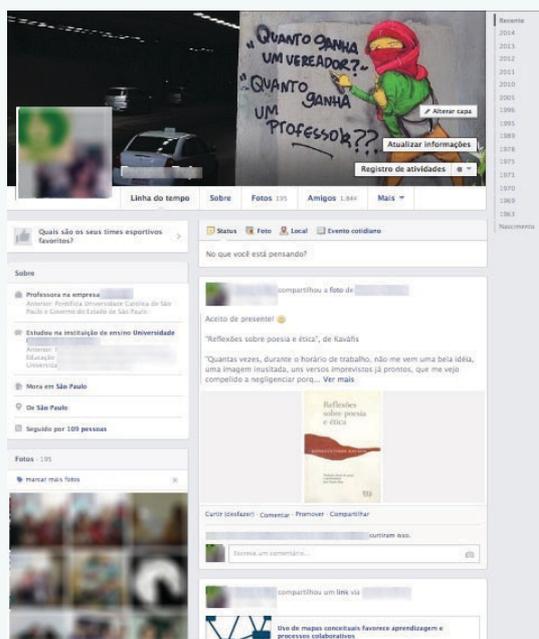
O *Facebook* como “uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, *links*, vídeos e fotografias.” (disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/como-funciona-facebook-624752.shtml>, acesso em 12/01/2014) só se realiza a partir da multisssemiose e requer, para isso, múltiplos letramentos: saber curtir e compartilhar, produzir *posts* em *sites* específicos ou por intermédio de aplicativos e/ou programas, produzir vídeos, etc.

Para ter acesso à rede e conectar-se com outros “amigos”, o usuário precisa se cadastrar: inserir informações de ordem pessoal, além dos dados, como gostos, preferências de leitura e de filmes, músicas etc. (Ver Figura 1).

7. Uma análise mais alentada da rede social *Facebook* enquanto uma forma arquitetônica que ao mesmo tempo dá corpo à rede social, integrando diversas ferramentas, e determina as condições de possibilidade dos enunciados em gênero “postagem no FB”, ver MELO, R.; ROJO, R. H. R. A arquitetura Bakhtiniana e os multimetrimentos. In: NASCIMENTO, E. L.; ROJO, R. H. R. (Orgs.) *Gêneros do texto/discurso e dos desafios da contemporaneidade*. Campinas: Pontes, 2014, p. 249-272.

O conjunto das informações depende exatamente das valorações do usuário para criar o próprio “perfil”, ou seja, do posicionamento axiológico assumido na construção da sua imagem identitária. É pela apreciação axiológica também que se determina a aceitação, rejeição e/ou exclusão do outro usuário, do “amigo”. Essas escolhas vão determinando, por um lado, a forma composicional e os conteúdos temáticos da página do usuário do *Facebook* e, por outro, dão o tom arquitetônico que delinea essa rede social: “a entonação expressiva [que] dá cor a cada palavra do enunciado [refletindo] sua singularidade histórica” (MEDVIÉDEV/BAKHTIN, [1928]2012: 185).

Figura 1 – Página do perfil de usuário do *Facebook*.



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/> Acesso em 05/03/2013.

As mensagens entre os usuários são postadas no *Feed* de notícias (Figura 2):

a coluna central da sua página inicial – é uma lista em constante atualização de históricos de pessoas e Páginas que você segue no *Facebook*. As

Letramentos contemporâneos e a arquitetura Bakhtiniana

histórias do *Feed* de notícias incluem atualizações de *status*, fotos, vídeos, *links*, atividade de aplicativos e opções Curtir. [comentar e compartilhar]. (Disponível <https://www.facebook.com/help/www/210346402339221>, acesso em 27/12/2013).

Figura 2 – *Feed* de notícias de usuário



Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com/> Acesso em 27/12/2013.

Estruturalmente, o *Facebook* está organizado em Linha do Tempo (*Timeline*) e *Feed* de Notícias, cujo *design* materializa a sequência espaço-temporal, propiciando a instantaneidade das mensagens. Esse objeto, situado histórica e socialmente, é constituído pela sua totalidade interna orientada pelas avaliações axiológicas primeiramente do criador (da rede) e dos cocriadores (usuários). Nesse sentido, podemos considerar que o *Facebook* apresenta uma *arquitetônica* por articular justamente a totalidade e as valorações axiológicas e ideológicas na forma, no material e no conteúdo.

Considerando que a entoação valorativa é o melhor elemento que dá visibilidade à arquitetônica, dentre as inúmeras possibilidades de gêneros que circulam no *Facebook*, (*posts*, *memes*, inclusive as opções “curtir”, “comentar” e “compartilhar” também gêneros do discurso desse universo digital) escolhemos analisar um texto/enunciado multissemiótico do gênero *post*. Observe-se o texto/enunciado apresentado na Figura 3.

Figura 3 – Postagem no *Facebook*



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=331674193641458&set=a.295461923929352.1073741830.279883282153883&type=1&theater>. Acesso em 27/12/2013.

Admitindo a concepção de arquitetônica proposta pelo Círculo como “unidade construtiva da obra” (MEDVIÉDEV/BAKHTIN, [1928]2012, p. 92), só poderemos considerar o gênero *post* como um elo na cadeia dessa arquitetônica e de um dado perfil do *Facebook*, por exemplo.

Podemos partir de vários elementos internos constitutivos: material e forma do *post* que abrigam linguagens do “dia” – tão caracterizadoras

da instantaneidade e efemeridade constitutivas do *Facebook* – e suas modalidades e semioses. Notam-se os plurilinguismos: dos cotidianos “pra colocar gente...” à expressão em inglês, *black friday* (sexta-feira negra).

A construção do sentido requer o estabelecimento das relações intertextuais e interdiscursivas: reconhecimento da personagem – Mion – um dos bonecos integrantes da animação norte-americana *Meu Malvado Favorito*, de 2010, e a representação deles no enredo como ajudantes do vilão. Ainda é necessário ressaltar que há uma página de humor no *Facebook*, *Minions Sinceros*, de onde foi compartilhado o *post* em exame, que utiliza essas personagens para criar *posts* de sátiras, ironias e críticas. Nota-se ainda a expressão facial da personagem sugerindo aborrecimento, reforçando o senso de humor. O usuário pode então curtir a página e/ou a postagem evidenciada, comentá-la e/ou compartilhá-la em sua *timeline*.

Juntam-se a isso questões como: quem produziu o *post* (sujeito social da página, portador de posições valorativas, logo, de uma dada arquitetônica), onde circula – inicialmente na página *Minions Sinceros* – mas cuja apropriação é feita pelo usuário que compartilha aquele *post* em sua linha do tempo, reiterando as valorações éticas ali configuradas; e mais: quem são os sujeitos sociais que se apropriam dele e a quem se destina aquela mensagem: a um/uns “amigo(s)” específico (s), com qual finalidade de divulgar o humor ou mandar uma “indireta”; ou seja, os amigos envolvidos naquela rede específica farão, por sua vez, apreciações valorativas a partir do contexto axiológico e ideológico daquele usuário.

Além disso, quais as circunstâncias imediatas e contextuais (momento histórico/cultural) que suportam esse texto/enunciado. É preciso situar que foi postado no dia 29 de novembro de 2013, dia do *Black Friday*, evento de vendas que ocorre tradicionalmente nos Estados Unidos, na última sexta-feira de novembro, e que se singulariza por oferecer produtos com grandes descontos, os maiores do ano. A prática passou a ser adotado pelo Brasil nos últimos anos e na mesma data.

À medida que usuário compartilha o *post*, assume um posicionamento valorativo-axiológico – não gostar de pessoas falsas – e quer firmar essa valoração, para isso recorre a discursos em circulação. É

interessante notar que esses *posts* que circulam no *Facebook* são constitutivamente tematizados pelos acontecimentos e eventos do momento. No *post* em exame, aproveita-se o dia de desconto no comércio que favorece a venda de produtos diversos em vantajosas promoções para, irônica e simbolicamente, dispensar as pessoas falsas quase “gratuitamente”. De uma forma mais abrangente, dispensar aquelas que não compartilham da mesma afinidade ética. Nessa direção, o *post* dialoga com o momento histórico para dar visibilidade a uma valoração e reitera que os sentidos só se constroem de/na forma situada axiológica e ideologicamente.

Sendo as valorações axiológicas (afetiva, ética e estética primordialmente) – elemento gregário da arquitetônica – reflexivas das ideológicas (mais contextuais, culturais, políticas, históricas etc.), como esse texto/enunciado pode abrigar o todo arquitetônico? Não pode, pois é apenas a ponta do *iceberg*; no entanto, a parte contém dialogicamente a essência do todo: autor-criador produz o texto/enunciado no contexto de sua página (para deixá-lo disponível para o contemplador), com valorações específicas, atribuindo entoações expressivas (estéticas), com a finalidade de criar humor (*Minions Sinceros*). Por sua vez, o contemplador – que se apropria do texto/enunciado – torna-se co/re-criador e curte, comenta e, principalmente, compartilha na sua linha do tempo do *Facebook*, ressignificando as valorações axiológicas (éticas, humorísticas e afetivas) com a finalidade de reiterar humor e/ou mandar “recado” a algum interlocutor, acompanhadas ou não de apreciações valorativas explícitas, como réplica ativa.

O *post* poderia ser analisado inicialmente somente sob a perspectiva da teoria dos gêneros do discurso, no entanto, o exame se amplia à medida que recorremos à concepção de arquitetônica para dar conta desse exemplar de texto/enunciado multissemiótico, circulante na rede social.

Conclusão

A concepção de arquitetônica ainda é pouco explorada no contexto acadêmico brasileiro. Nosso objetivo conforme anunciado contribuir para estudos, a partir da abordagem do conceito e da exploração dele em um texto/enunciado multissemiótico.

Nossa inquietação era saber se esse conceito, instaurado no cerne de teorias pensadas no século passado, teria lugar na contemporaneidade constituída de linguagens tão múltiplas e em de textos/enunciados híbridos, multissemióticos e hipermediáticos.

Sem a pretensão de esgotar o assunto, muito menos de ter apresentado uma análise exaustiva e absoluta, constatamos que é possível pensar os textos/enunciados em ambientes digitais a partir do profícuo diálogo da teoria dos gêneros do discurso e da concepção de arquitetônica, esta, amplia as possibilidades de análise dos textos/enunciados digitais e dos letramentos contemporâneos por eles requeridos, para além das propostas de outras teorias fragmentárias e parciais, por ser mais potente, flexível e abrangente metodologicamente.

Recebido em: 30/12/2016

Aprovado em: 26/05/2017

E-mails: rrojo@mac.com
rosineide_melo@uol.com.br

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, J. C. R. de. 2005. A conversa na *web*: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna. p. 91-109.
- BAKHTIN, M. [1920-24]2010. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores.
- _____. [1927]2001. *O freudismo*: um esboço crítico. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva.
- _____. [1929]1997. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. [1975]1998. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoniet al. 4ed. São Paulo: UNESP.
- _____. [1979]1997. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G.G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. [1979]2003. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.

- BEZERRA, P. [1979]2003. Introdução. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes. p. IX-XII.
- _____. [1927]2001. Freud à luz de uma Filosofia da Linguagem. IN: BAKHTIN, M. *O freudismo: um esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva. p. XI-XIX.
- BRAIT, B.; MELO, R. 2005. Enunciado / enunciado concreto / enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto. p. 61-78.
- BRAIT, B. 2005. Introdução. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto. p. 7-10.
- FARACO, C. A. 2009. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial (Lingua[gem]; 33).
- KOMEZU, F. C. 2005. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna. p. 110-119.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Orgs.). 2007. *A new literacies sampler*. NY: Peter Lang.
- LÉ, J. B. 2011. *Blog et twitter: composição, conteúdo e estilo em gêneros jornalísticos digitais*. *Anais do VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*. Natal, RN: UFRN/SIGET. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Jaqueline%20Barreto%20L%C3%A9%20%28UFRJ%29.pdf>>. Acesso em 21/04/2014.
- LEMKE, J. L. 2010. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 49, nº 2. Campinas, July/Dec. 2010, s/p. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200009&script=sci_arttext. Acesso em 21/04/2014.
- MARCUSCHI, L. A. 2005. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna. p. 13-67.
- MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). 2005. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna.
- MEDVIÉDEV, P. N.; BAKHTIN, M. [1928]2012. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila Grillo. Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto.

- MELO, R.; ROJO, R. H. R. 2014. A arquitetônica Bakhtiniana e os multiletramentos. In: NASCIMENTO, E. L.; ROJO, R. H. R. (Orgs.). *Gêneros do texto/discurso e dos desafios da contemporaneidade*. Campinas: Pontes. p. 249-272.
- PAIVA, V. L. M. O. 2005. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna. p. 68-90.
- PEIXOTO, T. S.; LÊDO, A. C. 2009. Gêneros digitais: possibilidades de interação no Orkut. *Revista Ao Pé da Letra*, vol. 11.2:11-30, versão online. Disponível em: <http://www.revistaaopedaleta.net/volumes/Volume%2012.1/Vol-12-1-Thais-Soares_Amanda-Ledo.pdf>. Acesso em 21/04/2014.
- PIMENTEL, C. A escrita íntima na internet: do diário ao *blog* pessoal. *Revista O Marrare*, nº14: s/p. Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero14/carmenPimentel.html>>. Acesso em 21/04/2014.
- ROJO, R. H. R. 2009. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial. (Estratégias de Ensino, 13).
- _____. 2013. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, R. H. R. (Org.). *Escol@ conect@ad@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editorial. (Estratégias de ensino; 40).
- ROJO, R. H. R. (Org.). 2013. *Escol@ conect@ad@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editorial. (Estratégias de ensino; 40).
- ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Orgs.). 2012. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial. (Estratégias de ensino; 29).
- SOUZA, G.T. 1999. *Introdução à teoria do enunciado concreto de Bakhtin/Voloshinov/Medvedev*. São Paulo: Humanitas.
- TODOROV, T. [1979]2003. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- VOLOCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. [1926]1976. *Discurso na vida e discurso na arte – sobre a poética sociológica*. Tradução para o português feita por Carlos Faraco e Cristóvão Tezza, para uso didático, com base na tradução inglesa: In: VOLOSHINOV, V. N. *Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics*. In: *Freudism*. Trad. I. R. Titunik. New York: Academic Press.
- _____. [1929]1995. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud. Yara Frateschi Vieira. 7 ed. São Paulo: Hucitec.
- XAVIER, A. C. Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da Internet. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/>>. Acesso em: 21/04/2014.